



UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

João Vitor Zanellatto Lacerda

Julia Araujo Lima

Ramon Inocencio Dias

Vitoria Campos Dantas

ASCENSÃO PACÍFICA CHINESA E A NOVA ROTA DA SEDA:

O avanço chinês através de mecanismos internacionais de multilateralismo e cooperação

São Paulo

2022

João Vitor Zanellatto Lacerda

Julia Araujo Lima

Ramon Inocencio Dias

Vitoria Campos Dantas

ASCENSÃO PACÍFICA CHINESA E A NOVA ROTA DA SEDA:

O avanço chinês através de mecanismos internacionais de multilateralismo e cooperação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de graduação em Relações
Internacionais da Universidade São Judas
Tadeu, como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel.

Orientador: Prof Dr. Rafael Marchesan Tauil

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Este presente trabalho é dedicado aos nossos familiares e amigos que nos apoiaram ao decorrer do curso. E também aos nossos professores, em especial ao professor Rafael Tauil, Clarissa Forner e Paulo Watanabe, com vocês, nossa jornada acadêmica tornou-se mais completa e com um significado ainda maior.

ASCENSÃO PACÍFICA CHINESA E A NOVA ROTA DA SEDA:

O avanço chinês através de mecanismos internacionais de multilateralismo e cooperação

Resumo:

Em 2011, Xi Jinping apresentou oficialmente a proposta de uma nova Rota da Seda como uma forma de integrar cadeias marítimas e terrestres para expansão do mercado chinês. Desde então, o tigre asiático vem anunciando diversos investimentos em projetos não apenas de infraestrutura, mas também em comunicação e energia. O presente estudo buscará apresentar como a nação consolida seus interesses através do multilateralismo e do seu discurso histórico de “ascensão pacífica”, se utilizando de sua influência em mecanismos internacionais, analisando suas ações diretas e indiretas demonstradas, por exemplo, na criação do Banco Asiático de Investimentos em Infraestrutura. Além do mais, buscará criar a análise baseada em dois cenários prováveis: de um mundo cada vez mais integrado em cadeias globais e de um mundo com tendência à desintegração e a ações bilaterais.

Palavras-chave: China / Multilateralismo / Ascensão pacífica / Nova Rota da Seda

Abstract: In 2011, Xi Jinping officially presented the proposal for a new Silk Road as a way to integrate maritime and land chains to expand the Chinese economic market. Since then, the Asian country has been announcing several investments in projects not only in infrastructure, but also in communication and energy. The study below will strive to understand how the nation consolidates its interests through multilateralism and its historical discourse of "peaceful rise", using its influence in international mechanisms, analyzing its direct and indirect actions demonstrated, for example, in the creation of an Asian Infrastructure Investment Bank. Furthermore, this present work will seek to create the analysis based on two likely scenarios: a world increasingly integrated into global chains and another world prone to disintegration and bilateral actions.

Keywords: China / Multilateralism / Peaceful Rise / One Belt One Road

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as ascensões de Estados no Sistema Internacional sempre se deram por meio do “hard power”, que pela perspectiva da teoria realista, é o uso de mecanismos de forças coercitivas e imposição de poder, como expansionismo terrestre, tomada de territórios e subjugação da população tomada pelo Estado adversário. Por meio disso, esses Estados se consolidaram e buscaram seus interesses com a fragmentação e embate de poder com outras nações.

Partindo desta ideia, muitos países usaram deste pretexto para buscar seus interesses e firmar suas soberanias, alguns com êxito e outros não, como o avanço britânico durante o século XVIII com a nova onda do imperialismo europeu; a tentativa expansionista alemã que eclodiu na 2ª Guerra Mundial; ou a busca por hegemonia e dominação soviética no Leste Europeu. Assim, compreende-se que o período antecessor à globalização como se conhece hoje, tinha como preceitos de asserção o uso da guerra e a imposição física.

A China, que foi um grande império, mudou de estratégia a partir do final da década de 70, alterando seus discursos para promover uma reforma política baseada no multilateralismo, buscando a harmonia e uma relação mútua com os Estados, se tornando cada vez mais presente nas relações comerciais, e fortalecendo a sua autonomia em busca de seus interesses.

A ideia, portanto, não era criar uma relação hegemônica direta. Mas, sim, valorizar a sua identidade como país de Terceiro Mundo, mesmo não sendo mais um país periférico. Nesse sentido, desenvolveu tanto suas relações com as nações do Norte, quanto tratou de dar devida relevância às suas relações Sul-Sul. Logrou dessa forma, uma ampla dimensão estratégica, política e econômica.

Assim como destacado por Pecequillo (2014), o discurso feito pelo ex-presidente chinês Jiang Zemin em 2001, a China caracterizou sua forma de ascensão como pacífica e harmoniosa, e por meio de relacionamentos mútuos.

“A comunidade internacional deve adquirir um novo conceito de segurança que tenha como núcleo a confiança mútua, o benefício recíproco, a igualdade e a colaboração, e o esforço pela criação de um ambiente internacional pacífico caracterizado pela estabilidade e segurança duradoura. Todos os países devem

fortalecer os intercâmbios e cooperações econômicas e tecnológicas e alterar passo a passo a ordem econômica internacional injusta e pouco razoável, de modo que a globalização econômica alcance o objetivo de benefício e existência para todos.” (JIANG, 2002, p. 563).

A potência asiática demonstra sua intenção em difundir um novo conceito de segurança e estabilidade duradoura, não deixando de afirmar seus próprios interesses no espaço geopolítico e econômico internacional, estando em constante processo de atingir sua autonomia. E, assim, consequentemente, colabora na manutenção do equilíbrio de poder no Sistema Internacional.

Como qualquer potência em ascensão, para que se fizesse possível o desenvolvimento econômico chinês e a consolidação do seu poder, compreendeu-se a importância possuir disponíveis recursos naturais, bem como o acesso a mercados consumidores de seus produtos. Dessa forma, a alternativa mais viável encontrada foi a utilização do multilateralismo como estratégia, através de intercâmbios culturais e acadêmicos, financiamentos e investimentos diretos nos mais diversos países do globo. Tornando-se um player essencial no cenário mundial.

Nesse sentido, a grande aposta da China nas última década, oficialmente, tem sido a Nova Rota da Seda, a qual consiste numa série de investimentos conectados à Europa, Oriente Médio, Ásia e África, regiões de grande vantagem geopolítica, visando inclusive conectar obras já existentes no continente africano que possibilitem futuras projetos semelhantes. Vale ressaltar que ao mesmo tempo que a ideia seja inovadora, proporcionando um desenvolvimento estrutural sem o uso da força, é uma forma da China utilizá-la como um instrumento de autonomia, não limitando-se apenas aos seus arredores, mas também no continente latinoamericano, com a sua presença atuante no Brasil e na Argentina, por exemplo.

Por meio de uma análise de fatos, exemplos de investimentos e tomadas de decisões propostas pela China em sua empreitada intercontinental, o objetivo deste artigo é explicar e provar como essa potência econômica ascendeu a sua posição atual por meio de movimentos de cooperação. O recorte temporal vai abranger o período entre as décadas de 1990 e 2019, onde serão analisadas suas particularidades que a difere de Estados ocidentais modernos e as formas pelos quais esses ascenderam à categoria de potência ou de grandes players. Essa

mudança significativa no cenário como um todo, tanto de postura quanto de método, será descrito nesse artigo pelo uso do termo “ascensão pacífica”.

Apesar dessa potência asiática usar o multilateralismo e denominar sua ascensão como “pacífica”, contradições e desconfianças permeiam esse tema sobre até qual ponto pode-se afirmar que as medidas chinesas apenas atuam em uma linha harmoniosa de política externa, e como outros Estados envolvidos em seus empreendimentos podem vir a ter efeitos negativos que, se assim forem, contrapõe todo o discurso referente a harmonia entre as nações.

A princípio, a China se movimenta acompanhada por um discurso pró-cooperação e com uma relação de certa forma harmoniosa entre os Estados. Isso acaba por fortalecer os laços das nações do denominado Sul e Norte, e objetiva um Sistema Internacional baseado no multilateralismo, por meio de seus investimentos e projetos intercontinentais, como a Nova Rota da Seda, o que mais uma vez destaca esse papel internacional de intermediadora comercial.

Ainda assim, não se pode desvencilhar de um cenário que teria como intuito consolidar a dependência dos Estados envolvidos nos projetos chineses para com a própria China, em termos econômicos e comerciais. Além do mais, traz ao debate o seu interesse em contrapor a hegemonia norte-americana, que deflagra uma nova posição chinesa para consolidação de poder.

O trabalho se utilizará de uma análise qualitativa dos eventos e ações multilaterais chinesas, através de mecanismos que demonstrem a tese defendida, uma vez que entende-se ser o ideal para cenários macroeconômicos, onde há uma grande quantidade de variáveis.

O método histórico e dedutivo servirá como base para a pesquisa bibliográfica utilizada, pois serão analisados dados gerais de obras literárias, artigos acadêmicos, teses, e materiais jornalísticos para inferir conclusões de uma perspectiva específica. A natureza será uma pesquisa básica de objetivo explicativo e descritivo, pois não pretende-se chegar a um resultado concreto ou a solucionar um problema específico. Mas, sim, unir fatos e expandir o debate sobre um tema com diferentes percepções e áreas de pesquisas que coincidem com estudos de geopolítica, economia e história.

O artigo será dividido em 3 partes, na primeira buscará analisar fatores históricos chineses e como a partir deles o discurso e ações chinesas aspiraram ao multilateralismo. Na segunda parte, serão expostos os mecanismos e instituições financeiras internacionais que estão sendo utilizados, além de quais projetos marítimos e terrestres estão sendo empreendidos pelo país asiático. E por último, serão criados dois cenários prováveis: primeiramente de uma perspectiva de um mundo cada vez mais integrado em cadeias globais e um segundo horizonte voltado a um mundo pendente à desintegração e a ações bilaterais.

Revisão bibliográfica

Kong Fuzi (ou “Confúcio”, na versão ocidental), pensador chinês nascido em 552 a.C., foi uma importante figura para os valores e ideologias de seu povo e nação. Segundo o confucionismo, “os impérios persistem se a repressão dá lugar ao consenso” (KISSINGER, 2011, p. 17), o que reflete a formação histórica do domínio chinês, que muito foi brutal, expandido pelo uso da força em diversos momentos, mas que pode firmar sua sustentação muito mais pelos valores cultivados entre seu povo e premissas sobre moral e ética.

É interessante compreender que até pouco antes da Guerra do Ópio, a comunicação e as Relações Internacionais chinesas eram firmadas como um “Império Celestial” que não permitia a disseminação de sua cultura e ensinamentos no solo estrangeiro e tampouco a absorção do alheio aos seus costumes e sociedade, tratando as demais nações como “bárbaras”. A exemplo da percepção chinesa sobre o Império Britânico, que não o via como uma das maiores potências, justamente pelo fato da China produzir já no início de 1800 uma grande parcela do PIB mundial se comparada a qualquer outro território do mundo (KISSINGER, 2011).

A estratégia chinesa em negar o insistente contato estrangeiro para o afrouxamento das barreiras comerciais perdurou por alguns anos até o fim da segunda guerra do ópio (1856 – 1860), que resultou na presença britânica no solo asiático e na abertura compulsória da economia chinesa.

Os pontos acima trazidos, no entanto, são necessários para compreender no início deste trabalho a estratégia chinesa e suas alterações desde seus tempos remotos aos mais atuais para que se possa visualizar, também, que uma civilização nem sempre é a mesma

ontem e hoje, e que por ventura mudará no seu futuro, podendo alcançar o seu triunfo ou o seu declínio.

As transformações acontecem em decorrência de guerras, acordos, alianças ou formas de uma sociedade se comportar. Assim como a Babilônia que teve seu esplendor entre 1894 a.C. a 539 a.C. e descendeu com a derrota para os persas; o reinado Maia que perdurou por quase três milênios; o império holandês que colonizou partes do continente sul americano, africano e asiático e perdurou entre os séculos 17 e 20; e mais atualmente a prevalência dos Estados Unidos da América e a sua influência sobre quase todo o globo.

Em contraponto aos modelos de ascensão citados acima, a China vem alterando a sua condição de país emergente por meio de vias diplomáticas e trazendo para o cenário internacional a sua visão de planejamento oriental guiados pela nova rota da seda, o *One Belt One Road*.

A hegemonia é o conceito de “capacidade de um Estado de exercer funções de liderança e governo sobre um sistema de nações soberanas” (ARRIGHI, 1996, P.27 *Apud* SALVAGNI, 2021, P.04). Assim, Salvagni et al. (2021) contestam em seu artigo, como a Nova Rota da Seda, empreitada da China, pode ser considerada tanto uma vanguarda para o comércio internacional e a cooperação, como também um mecanismo de controle indireto, das nações envolvidas no projeto.

Tendo em vista que a nação chinesa utiliza bancos de desenvolvimento para garantir os recursos de investimento, como o AIIB (Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura) ou o NBD (Novo Banco de Desenvolvimento), acaba por demonstrar seu desejo por convenções transparentes e que diminuam as relações bilaterais, prezando por sua projeção de liderança internacional e desconcentração dos bancos mundiais como FMI ou Banco Mundial, que hoje representam símbolos do atual Concerto Internacional.

Partindo da ideia acima, é trazida à luz neste artigo, uma análise da linha tênue entre a ascensão pacífica chinesa e sua forma de adentramento econômico nas nações que estabelecem relações com a mesma, isso porque utilizando do exemplo do continente africano, observa-se uma grande ascensão comercial provinda de negócios com a China, como é abordado em dados em um artigo para Revista África por Angelo Ferrari, onde, “de acordo com a Administração Geral das Alfândegas de Pequim, o comércio bilateral total entre

o continente africano e a China em 2021 atingiu 254,3 bilhões de dólares, um aumento de 35,3% em relação ao ano anterior." (FERRARI, 2022, s/p).

De acordo com Callaghan (2016), o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB) foi um mecanismo essencial criado pela China para a consolidação da Nova Rota da Seda. A criação da instituição é vista com ceticismo por parte do ocidente, principalmente dos EUA que enxergam o órgão como uma forma do país asiático de consolidar seus interesses de forma unilateral. O autor defende que, de fato, é um ponto forte de rivalidade para as estratégias de ambos, porém é de interesse da China que a instituição funcione genuinamente como um mecanismo multilateral.

A bandeira do multilateralismo pode minimizar possíveis tensões bilaterais de ter um investimento relacionado diretamente ao gigante asiático, ou seja, é mais provável que os países aceitem o financiamento vindo de uma instituição multilateral, mesmo que liderada pela China, do que vindo diretamente dela. Isso está em partes relacionadas ao poder das instituições multilaterais de despolitizar as relações entre países, principalmente no que tange às condições de empréstimos (RODRIK, 1995 *Apud* CALLAGHAN, 2016). Nesse sentido, utilizando-se da ideia do autor, é possível entender que esses mecanismos são utilizados pela China para alcançar seus objetivos de maneira indireta, mesmo possuindo grande poder e influência dentro deles.

A proposta para a criação da nova rota da seda tem suas raízes em uma China limitada a se expandir ao seu potencial máximo devido a crises no Hemisfério Norte. O ponto crucial foi entender que não eram as tarifas, e sim os custos com transporte e conectividade o principal impeditivo ao comércio (CALLAGHAN, 2016).

Para Pecequillo (2014) a China é uma potencial hegemonia, destacando sua posição de crescimento, e debatendo sobre a ascensão ser pacífica assim como o país defende. A autora pontua o histórico chinês e a transição entre os discursos e os planos econômicos, principalmente nas relações exteriores.

Por outro lado, revisa as ações da China com os demais países através de diversos bancos de desenvolvimento, buscando fugir do tradicional, ou seja, a conquista de recursos através do uso da força e de ideais imperialistas. No entanto, o modelo é controverso no sentido que pode causar vulnerabilidade e dependência dos investimentos chineses, principalmente de países em desenvolvimento e de menor desenvolvimento relativo, podendo afetar inclusive a soberania dos Estados envolvidos.

Compreende-se que a autonomia chinesa causa impactos e pode levar a desequilíbrios econômicos e estratégicos entre países do norte e sul, e mostra-se assim, uma disputa com outras hegemonias, mas de maneira indireta. O “novo” se manifesta sendo apenas diferente dos padrões tradicionais de poder já experienciados no Sistema Internacional, havendo diferentes impactos tanto para o próprio Estado chinês quanto para as potências e países do Terceiro Mundo.

Histórico do Multilateralismo da China

Após a Revolução Chinesa datada em 1945, a China busca estabelecer o fortalecimento do Estado e a diminuição de suas vulnerabilidades, o que levou a uma série de estratégias para garantir a sua soberania. Zhnoui Elai configurou em 1950 “*Cinco Princípios da Coexistência Pacífica*” – objetivos concentrados no contexto de Guerra Fria, trazendo a ideia de integridade nacional, a não-interferência com outros Estados, a reciprocidade e a coexistência pacífica. Na gestão Deng Xiaoping é feita diversas reformas, dentre elas, as alianças inseridas dentro do Sistema Internacional e a sua divisão, o reconhecimento da China como um país de Terceiro Mundo, e a estratégia denominada “*Política das Quatro Modernizações*” (agricultura, indústria, defesa, ciência e tecnologia).

Nos anos 90 a 2000, a China mostra o interesse em desenvolvimento e modernização, o que traz um crescimento repentino, e logo se torna a principal parceira comercial das relações Sino-Americanas, surgindo no início do século XXI, como uma possível potência hegemônica. As olimpíadas de Beijing de 2008 representaram a mudança na política externa chinesa, ao se colocar como um Estado mais assertivo e soberano no cenário pós-guerra Fria. Um país que defende a paz e o desenvolvimento em seus discursos, onde leva os termos “*Um Novo Conceito de Segurança*” ou “*Ascensão Pacífica*”.

A China modificou a lógica hegemônica através do contexto histórico e a mudança de estratégia que favoreceu o país em sua posição no Sistema Internacional. Optou por não concentrar todo o investimento apenas em capital nacional, buscando atrair capital multinacional, mas sob controle estratégico. Um mecanismo que vai desde a América Latina, até a Europa e o território norte-americano.

Xi Jinping foi eleito em 2013 como 7º Presidente da China, encontrando um cenário de maior estabilidade do que seu antecessor Hu Jintao. Neste período, a China já fazia parte da Organização Mundial do Comércio como membro desde 2001, e já havia atingido a posição de 2º maior economia do mundo em 2010.

Até então, os governos chineses vinham buscando alterar o cenário interno do país, tendo em vista que o país teve sua abertura ao mundo nas últimas décadas do século XX, através da estratégia de internacionalização conhecida como *Going Global*. Os efeitos de seu crescimento repentino, não abrigaram os problemas sociais e econômicos já existentes, como a má distribuição de recursos e renda de seus habitantes, e a grande discrepância dos crescimentos urbanos para os rurais, o que pressionou o Estado a garantir o equilíbrio.

Para uma nação que uma vez estava fechada ao mundo até o final do século XX, era essencial que nesta abertura política e econômica, o país se mostrasse forte ao exterior e lidasse com suas problemáticas internas mais aparentes. Tal é a importância desta mudança de comportamento, que conseguimos justificar o crescimento significativo que os chineses atingiram em pouco tempo, e que logo fariam parte de decisões e propostas importantes no Sistema Internacional.

Xi Jinping anunciou em 2013 o grande projeto da nação ao mundo, a Nova Rota da Seda ou *One Belt, One Road*, termo usado em referência às características do projeto. Sendo o cinturão ou *belt*, para o trajeto terrestre que deve conectar a Ásia, África e Europa. E a rota marítima ou *road*, que ligaria os Oceanos Pacífico, Índico e o Mar Mediterrâneo.



Fig. 1 - Imagem de Roman Wilhelm/ MERICS – The Diplomat (2015)

Esta proposta ambiciosa faz parte do “Sonho Chinês”, que se analisarmos de forma mais profunda, é semelhante a todas idealizações nacionalistas presentes nas grandes potências mundiais ao longo da história, como seu antagonista ocidental, Estados Unidos da América, e o “American Way of Life”, presente com força nas décadas de 1960.

Tal simbolismo levantado pelo atual presidente eleito, nos apresenta as forças adormecidas do longo Império Chinês e suas dinastias, o que motiva por meio de um neonacionalismo, o imaginário da sociedade chinesa, e a energia necessária para que se torne realidade. No discurso proferido por Xi Jinping em 2017 na inauguração do Fórum do Cinturão e Rota para Cooperação Internacional, deixa claro as intenções da nação com a empreitada. Assim como publicado pela página Diário do Povo (2017):

“Devemos juntos assegurar um ambiente que facilite a abertura e o desenvolvimento, estabeleça um sistema de comércio e investimento internacional igualitário e transparente, que aumente o fluxo dos fatores de produção, a alocação eficiente de recursos e a integração total no mercado”. (Xi Jinping, 2017).

Nota-se assim, que o “Sonho chinês”, não se trata de apenas de um ideal nacional nos moldes imperialistas do estereótipo, mas visando uma visão mais ampla de relações e transparência entre os Estados, em destaque aqueles que não se encontram no círculo das grandes potências, o que justifica a China estar presente em regiões de baixo desenvolvimento.

A intenção é descentralizar o foco mundial dos organismos ocidentais de investimento, e buscar opções que fujam desta métrica, exemplo que pode ser observado na participação chinesa na criação do Novo Banco de Desenvolvimento, o NDB (sigla em inglês para New Development Bank), instituição criada pelos países do BRICS em 2014.

Mecanismos multilaterais chineses

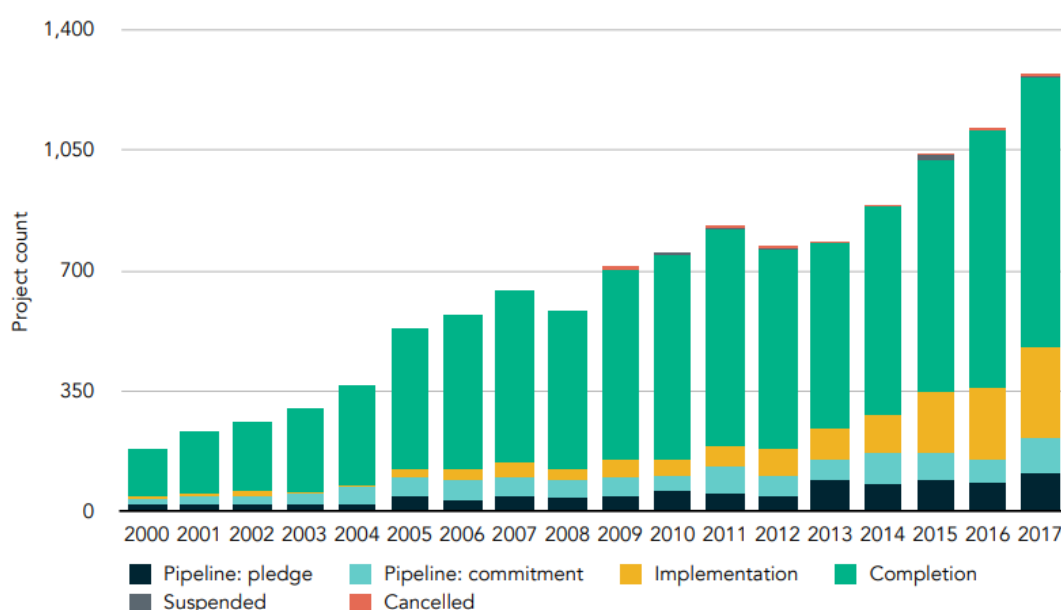
O projeto de internacionalização chines se deu de forma planejada e coordenada pelo Estado, a expansão dos investimentos externos diretos (IED) ocorreu de maneira complexa, institucionalizado em diferentes níveis de forma a concretizar tal objetivo (MENDONÇA, FILHO, OLIVEIRA, 2021). Em decorrência da crise americana de 2008, buscando diversificar suas reservas e evitar sobrecomulação de dólares, bem como investir no segmento

defasado de infraestrutura, a China alterou sua estratégia de gestão. Isso não tem sido feito apenas através de investimentos de empresas estatais no estrangeiro, mas também através da criação e capitalização de fundos e organismos financeiros multilaterais (NOGUEIRA, HAFFNER 2021).

Em 2013, Xi Jinping dá formato de maneira mais clara ao que já vinha sendo desenvolvido pelo país nas últimas décadas, anunciando a *Belt and Road Initiative* (BRI), e a *International Production Capacity Cooperation* (ICC) em 2014 que viriam a ser implementados no 13º plano Quinquenal (2016-2020). A ICC conforme descrito por Rodriguez (2021) tem por objetivo servir de arquiteto financeiro, auxiliando as exportações de investimentos em capital fixo concentrados na China e a capacidade industrial. Além do mais, visa construir parcerias nacionais com empresas estrangeiras, criando pontes para investimentos offshore e inserindo a indústria chinesa nas cadeias globais de valor.

Após o anúncio dos projetos internos, foram anunciados também diversos fundos de investimentos e novos mecanismos multilaterais para abrir os caminhos pelos quais se buscava empreender esse mega projeto. Foram criados incentivos fiscais, cambiais, subsídios, programas de fomento, envolvendo recursos de bancos públicos e privados. Aumentou substancialmente o seu investimento em Diplomacia Financeira (Custer et al., 2018) tanto em número quanto nos valores investidos, conforme é possível ver nas figuras 2 e 3 abaixo.

Figure A-23: Distribution of Chinese development project status over time by project count, 2000-2017



Source: AidData.

Fig. 2 - Distribuição dos projetos de desenvolvimento Chineses status por AidData

Figure A-24: Distribution of Chinese development project status, 2000-2017

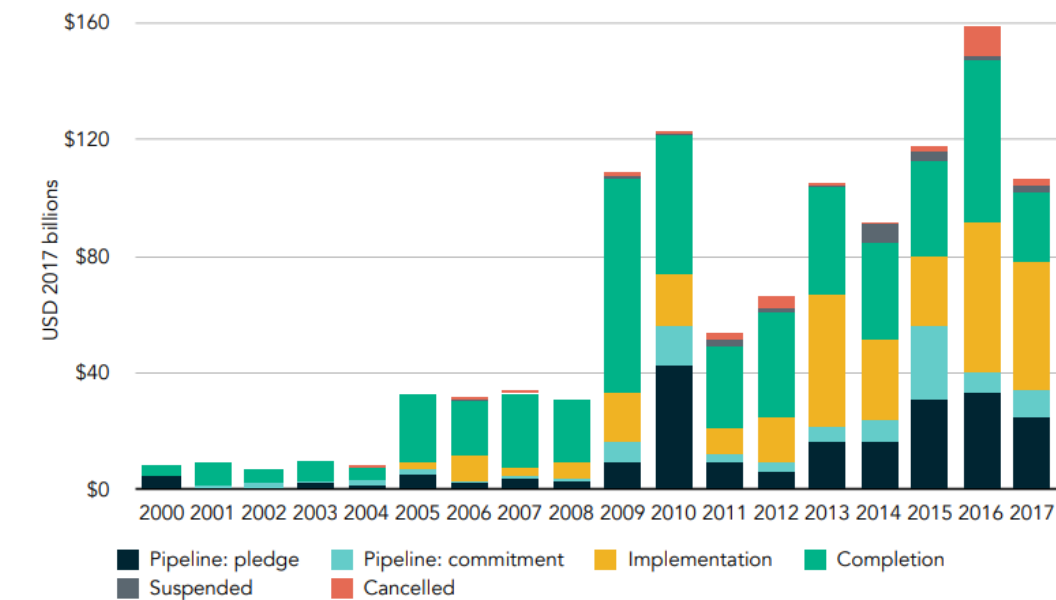


Fig 3 - Distribuição do status dos projetos de desenvolvimento Chineses 2000-2017

Segundo estudos de Rodriguez (2021), até o ano de 2020, havia pelo menos 17 fundos de investimentos para a cooperação internacional chineses, em sua grande maioria voltados para a BRI, entre os mais relevantes, podemos citar o *Silk Road Funding*. Criado em Dezembro de 2014 com um capital de 40 bilhões de dólares, a sua filosofia é baseada na abertura, inclusão e benefício mútuo, e tem apoio de empresas nacionais chinesas e internacionais, bem como de instituições financeiras.

ANEXO I - FUNDOS CHINESES DE COOPERAÇÃO					
Nome do Fundo	Local de destino	Valor destinado (mi de dólares)	Setores	Ano de criação	Stakeholders
China-Africa Development Fund (CADFund)	África	\$10,000.00	Agricultura, indústria, infraestrutura, energia, saneamento básico, recursos naturais	2007	China Development Bank (CDB)
China-ASEAN Investment Cooperation Fund	Sudeste Asiático	\$10,000.00	Infraestrutura, energia, recursos naturais, telecomunicações, transporte	2010	China Investment Corporation, Export-Import Bank of China ("EXIM Bank"), among other institutional investors, under the direction of the PRC State Council and approved by the National Development and Reform Commission ("NDRC").
Russia-China Investment Fund	Rússia	\$5,000.00	Infraestrutura rodoviária, portuária, mineração, agricultura, fusões e aquisições	2012	Russian Direct Investment Fund e China Investment Corporation
China-Portuguese Speaking Countries Cooperation and Development Fund	China (incluindo Macau), Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique, Portugal e Timor Leste.	\$1,000.00	Agricultura, indústria, infraestrutura, finanças	2013	China Development Bank, and Industrial and Commercial Development Fund of Macao, managed by CADFund
China-Central and Eastern Europe Investment Cooperation Fund	Europa Central e Oriental	\$1,000.00	Finanças, comércio bilateral, energia, educação, indústria	2013	The Export-Import Bank of China, Hungarian Export-Import Bank, CEE-Equity Partners Ltd.
The Silk Road Fund(SRF)	63 países	\$40,000.00	Infraestrutura, Energia, Recursos naturais, Indústria, Finanças	2014	State Administration of Foreign Exchange, China Investment Corporation, Export-Import Bank of China e China Development Bank.
China-Eurasian Economic Cooperation Fund (CEF)	Membros, observadores e parceiros de diálogo da Organização para Cooperação de Xangai	\$5,000.00	Energia, recursos naturais, indústria, agricultura, logística, infraestrutura, tecnologia da informação.	2014	Bank of China and the Eximbank of China. CEF's
China-LAC Industrial Cooperation Investment Fund (CLAI Fund)	América Latina e Caribe	\$20,000.00	Energia, mineração, infraestrutura, agricultura, indústria, tecnologia, cooperação financeira.	2015	People's Bank of China, SAFE and China Development Bank
China-Africa Production Capacity Cooperation Fund	África	\$10,000.00	Indústria, tecnologia, agricultura, energia, mineração, infraestrutura, finanças	2015	Beijing's China Foreign Exchange Reserves in association with the Export-Import Bank of China

Fig 4 - Tabela dos Fundos Chineses de Cooperação - Brics Policy Center (2021)

A respeito dos demais mecanismos podemos citar o Banco de Desenvolvimento da China (CDB), e o Banco de Exportação e Importação da China (CHEXIM), que segundo Jenkins (2019) são peças essenciais no projeto de globalização chinês pois são as instituições que mais exportam para o exterior. Além do mais, é possível citar o Banco da China (BoC), o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB) e o Banco Asiático de Desenvolvimento conforme exemplificado na figura 5 abaixo feita por Mendonça, Silva Filho, Oliveira (2021).

Segundo os autores, o principal continente receptor dos investimentos chineses é a Ásia, mais especificamente o Paquistão, que recebeu do CHEXIM e do CDB cerca de US

\$39,8 bilhões. Desde 2008 até o ano de 2021, 64% dos financiamentos chineses foram para apenas 6 países asiáticos (Paquistão, Irã, Indonésia, Turcomenistão, Bangladesh e Filipinas). Isso mostra a tendência chinesa em integrar os seus vizinhos para criar rotas de escoamento e desenvolver primeiramente o seu entorno.

Principais canais de financiamento da BRI

Instituição	Categoria	Funcionalidades	Contribuição esperada
Banco de Desenvolvimento da China (China Development Bank – CDB)	Banco público de desenvolvimento (<i>policy bank</i>)	Empréstimos não concessionais e linhas de crédito Empréstimos concessionais Apoio ao investimento no exterior Programas de empréstimo suplementar	US\$ 150 bilhões
CHEXIM	Banco público de desenvolvimento (<i>policy bank</i>)	Créditos de exportação preferenciais Crédito do comprador de exportação Crédito do vendedor de exportação Empréstimos concessionais	US\$ 80 bilhões
Banco de Desenvolvimento da Agricultura	Banco comercial público	Apoio ao investimento no exterior	-
Banco Industrial e Comercial (ICBC)	Banco comercial público	Empréstimos não concessionais	US\$ 40 bilhões
Banco de Construção da China (China Construction Bank – CCB)	Banco comercial público	Suporte aos projetos da BRI	US\$ 10 bilhões
Banco da China (Bank of China – BoC)	Banco comercial público	Empréstimos não concessionais	US\$ 130 bilhões
Fundo da Rota da Seda	Fundo para desenvolvimento internacional	Financiar projetos associados com a BRI	US\$ 40 bilhões
Banco Asiático de Investimentos em Infraestrutura (Asian Infrastructure Investment Bank – AIIB)	Banco multilateral de desenvolvimento	Financiar projetos de infraestrutura na Ásia, não necessariamente vinculados com a BRI	US\$ 100 bilhões (capital autorizado)
Novo Banco de Desenvolvimento (NDB BRICS)	Banco multilateral de desenvolvimento	Financiar projetos de infraestrutura sustentável no BRICS e nos países em desenvolvimento	US\$ 50 bilhões (capital subscrito)

Fonte: OCDE (2018); CDB e UNDP (2019).

Elaboração dos autores.

fig 4 - Mendonça, Lopes Filhos, Oliveira (2021)

Para além das instituições acima citadas, há também a Organização de Cooperação de Xangai. A qual nasceu com o objetivo de edificar a confiança mútua entre os Estados Membros, desarmando as regiões limítrofes e encorajando a cooperação regional, em 1996. E que hoje, afora a República Popular da China, conta com mais sete Estados membros (Índia, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Paquistão, Tadjiquistão e Uzbequistão), quatro Estados observadores (Afeganistão, Bielorrússia, Irã e Mongólia) e seis “parceiros de diálogo” (Armênia, Azerbaijão, Camboja, Nepal, Sri Lanka e Turquia. E apesar de não ser tão apresentada midiática e academicamente no ocidente, essa organização sem dúvidas é uma das maiores presentes atualmente, pelo fato de abranger aproximadamente 60% da Eurásia, 40% da população mundial e 30% do PIB mundial.

Como um dos maiores agentes ativos na solidificação da Nova Rota da Seda, a Organização de Cooperação de Xangai tem sido utilizada pela China, também, como um meio

para adentrar nos países da Ásia Central, os quais guardam uma grande reserva de petróleo e gás natural, o que independentemente do quão familiarizado o país seja com recursos renováveis, estes serão preciosidades atemporais. A partir de uma política voltada ao comércio multilateral, Xi Jinping incentiva fortemente as relações interestatais de benefício mútuo com enfoque na abertura mundial da economia, facilitando assim também os investimentos diretos externos.

Na mais recente cúpula da organização, em 15 de setembro de 2022, o progresso feito na construção conjunta da BRI foi um dos temas apresentados e apoiados pela maioria dos líderes, fundamentando as estratégias de desenvolvimento. O que para a China é vantajoso, pois é mais uma das demais formas para validação dos projetos de infraestrutura financiados por meio da nova Rota da Seda.

Cada aliança e progresso da Organização para Cooperação de Xangai proporciona à China uma atuação mais propositiva e presente nas regiões estratégicas para o projeto da nova Rota. Isso também implica no amadurecimento progressista da organização, colocando-a a nível equiparável à influência da OTAN, mas em território asiático. O que é um ponto importante a ser levantado, uma vez que o fortalecimento da BRI e a sua concretização cada mais mais nítida, pode para alguns países, principalmente aqueles da Organização do Tratado do Atlântico Norte, ser encarada como uma intimidação em termos econômicos.

Análise de cenários

Baseado nos estudos realizados, entende-se que a potência asiática necessita de uma cadeia global de valores integrada e de organismos internacionais que funcionem para que seus interesses possam ser consolidados. Entretanto, o que se observa em um cenário pós pandêmico e da invasão russa na Ucrânia é um mundo cada vez mais propenso à desintegração. Nesse sentido, buscando analisar as possibilidades, serão criados dois cenários com diferentes caminhos.

Em um primeiro momento, observa-se a análise mais provável. Portanto, um cenário de desintegração e desconfiança, onde a anarquia internacional prevalecerá. Nesse sentido, é possível dizer que a China não abandonará o objetivo de interligar suas rotas. Entretanto, dado o enfraquecimento dos mecanismos internacionais, ela irá buscar alternativas em acordos bilaterais, com parceiros diplomáticos historicamente mais próximos como o

Paquistão, Rússia e os demais países da Organização de Cooperação de Xangai. Porém, com a guerra entre Rússia e Ucrânia e a polarização ocidental a favor da Ucrânia, é provável que a China encontre resistência e desconfiança nesses acordos bilaterais, principalmente de países europeus.

A exemplo disso, em discurso recente o secretário geral da Otan recentemente proferiu um discurso acusando a china de buscar controlar infraestruturas cruciais ao ocident

Ademais a esse cenário, o crescimento do PIB chinês sofreu intensa desaceleração com a pandemia ocasionada pelo coronavírus. Os lockdowns que o governo impôs sobre as principais cidades, com a política de “covid zero”, tiveram grande impacto sobre o consumo e o comércio interno. A principal queda ocorreu no começo de 2020, e já no início de 2021 teve alta recuperação, porém logo voltou a estabilizar e com o PIB em queda se comparado aos anos pré-pandemia. O presidente Xi Jinping reeleito para o seu terceiro mandato afirma que manterá a política adotada como forma de evitar o agravamento da pandemia em um país



Fig 6 - PIB Chinês entre Jan 2020 - Julho 2022 - Trading Economics

Entende-se dessa forma que o crescimento interno e a capacidade de investimentos chineses tendem a diminuir caso o governo siga com as políticas de *lockdown*. Isso ocorre porque o consumo interno tende a diminuir com comércio e indústrias fechadas e menor circulação de pessoas. Consequentemente agrava inseguranças no mercado financeiro, que tendem a investir menos no país em um cenário no qual a invasão russa à Ucrânia persista por um período prolongado. Por consequência afetará os países mais conectados economicamente com a potência asiática. Que poderão eventualmente ver suas parcerias paralisadas ou com fluxos menores.

Para além desse ponto, a notável intenção chinesa de aumentar a sua influência na Ásia e no Pacífico, ao se concentrar em reviver o comércio ao longo da histórica Rota da Seda e obter acesso aos mercados europeus, afronta de certa maneira o também os objetivos dos EUA, os quais também têm interesse na região, inclusive por meio da OTAN.

Já em um segundo cenário mais favorável, nações e instituições entendem a necessidade de ser integrado em cadeias globais. Isso pode ser observado em decorrência de alguns fatores, como no 12^a Encontro de Negócios da União Europeia (UE) e China, que ocorreu em Bruxelas, coração da UE. Neste encontro, pelo discurso proferido pelo ex-presidente da Comissão Europeia, Juncker (2017), ficou evidenciado o interesse econômico do bloco sobre a BRI:

Nós saudamos as oportunidades criadas pela *Belt and Road Initiative* – ela aproximará pessoas e empresas na Ásia e na Europa. As novas ligações ferroviárias diretas entre Pequim e os centros europeus são símbolos disso. Eles ressuscitarão uma antiga rota comercial e cobrirão 12.000 quilômetros, cruzando o Cazaquistão, Rússia, Bielo-Rússia, Polónia, Alemanha, Bélgica e França. (JUNCKER, 2017).

Esse cenário de tendência a integração é menos provável e passível de contradição, mesmo pelos membros da própria UE. Considerando o discurso de Katainen (2017), ex-primeiro ministro da Finlândia e ex vice-presidente da Comissão Europeia, que proferiu explicitando que independente de um esquema que conecte a Ásia à Europa, a UE deveria adotar regras de mercado e padrões internacionais, incluindo princípios e que absorvesse as políticas já existentes.

Dado os fatos expostos, é possível enxergar um horizonte que mesmo apresentando desigualdades na balança de poder, é possível haver espaço para as relações multilaterais e de uma integração em cadeia principalmente com países do chamado Sul global. Esses países não estão diretamente ligados à guerra que ocorre na Europa e tem como um de seus principais parceiros a China. A exemplo do continente africano, principal locomotor do crescimento mundial nos últimos anos, onde o país asiático investiu direta e indiretamente na construção da BRI.

Considerações finais

Em suma, após a construção da tese, é possível ver que a ascensão chinesa propõe de fato uma abordagem pacífica, não se observa a intenção da potência em criar ameaças para justificar as suas ações, ou envolver-se em problemáticas mundiais que não estão diretamente relacionadas aos seus interesses, o que tradicionalmente é feito por demais Estados com grande influência.

É essencial dizer, portanto, que essa postura não conflituosa é algo histórico e que perdura desde a Revolução Chinesa, onde a mesma buscava manter a sua posição de isolamento, voltada ao cenário doméstico. Entretanto, buscou reformular sua política externa para uma postura mais assertiva, não conflituosa e de caráter multilateral.

Quanto aos cenários analisados, concluímos que dado as diferentes perspectivas que o país asiático pode levar em futuro próximo, a China tende a entrar em um cenário de maior isolamento e retração de sua expansão internacional.

O fato de que passamos recentemente por uma pandemia global interfere no crescimento econômico de diversos países que estão retomando suas atividades ainda com ressalvas. Além disso, ainda perdura a invasão russa à Ucrânia, que leva o continente europeu, a China e o sistema internacional em uma perspectiva de instabilidade.

Tal cenário dificulta grandes investimentos e projetos que englobam cooperação de diversos Estados e organismos com diferentes aspirações, como é proposto pela Nova Rota da Seda, o que pode justificar o encolhimento do projeto nesta perspectiva. A propensão é a atuação chinesa ocorrer de forma mais centrada, voltada para o seu entorno regional e em países do continente africano, que representam um próspero locomotor do crescimento mundial atualmente e um grande mercado consumidor, sendo ideal aos propósitos chineses.

REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: Origens e Fundamentos do Século XXI**, REVISTA SP, 2008.

CALLAGHAN, Mike; HUBBARD, Paul (2016): The Asian Infrastructure Investment Bank: Multilateralism on the Silk Road, **China Economic Journal**, DOI: 10.1080/17538963.2016.1162970. Acesso em 27 de Set. 2022

CHINA - PIB Taxa de Crescimento Anual. **Trade Economics**. Disponível em: <https://pt.tradingeconomics.com/china/gdp-growth-annual> . Acesso em 14 nov 2022.

CUSTER, S., RUSSEL, B. DILORENZO M., CHEN, M., GHOSE, S., SIMS, J., Turner, J., and H. Desai. (2018). Ties That Bind: Quantifying China's public diplomacy and its "good neighbor" effect. Williamsburg, VA: **AidData at William & Mary**. Disponível em www.aiddata.org/publications/ties-that-bind. Acesso em 30 de Out. 2022.

FERRARI, Angelo (2022). O superpoder da China na África., **Revista IHU**, 31 mar. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/617385-o-superpoder-da-china-na-africa>. Acesso em: 27 Set. 2022.

FIGUEIREDO, Dannel. One Belt, One Road: entenda a Nova Rota da Seda chinesa (2019) **Politize!**, [S. l.], p. ., 9 maio 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/nova-rota-da-seda-chinesa/>. Acesso em: 2 Nov. 2022.

JENKINS, R. (2019) How China is reshaping the global economy: Development impacts in Africa and Latin America. **Oxford University Press**, Disponível em <https://academic.oup.com/book/25592>. Acesso em 14 de Nov. 2022

JUNCKER, Jean-Claude. (2017). Speech by President Jean-Claude Juncker at the 12th EU-China Business Summit. **Commission Européenne**. Disponível em

https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/fr/SPEECH_17_1526. Acesso em 05 Nov. 2022

KATAINEN, Jyrki. (2017). European Commission Vice-President Jyrki Katainen speech at Belt and Road Forum Leaders' Round Table. **European Union External Action**. Disponível em https://www.eeas.europa.eu/node/26154_en. Acesso em 05 Nov. 2022.

KEOHANE, Robert. (1984) **After Hegemony: Cooperation and Discord in the World Political Economy**. Princeton University Press, edição revisada 2005.

KENDERLIN, Tristan; LING, Hang (2017). International Capacity Cooperation —Financing China's Export of Industrial Overcapacity. **Wiley Online Library**. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1758-5899.12509> Acesso em 30 Out. 2022

KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2011. 560 p.

MENDONÇA, Marco Aurélio A.; LOPES FILHO, Carlos R. F. U.; OLIVEIRA, Juliana K. B. (2021). **A Nova Rota da Seda e a Projeção Econômica Internacional da China: Redes de Financiamento e Fluxos de Investimento Extenos Direto (IED)** . Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11136/1/bepi_31_nova_rota.pdf . Acesso em 10 Nov. 2022

NOGUEIRA, Alberto; HAFFNER, Jaqueline. (2016) O papel do Estado Chinês nos investimentos externos diretos (IDE) na América Latina. II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina_Anaís **PROLAM**. Disponível em: https://sites.usp.br/prolam/ii-simposio-internacional-pensar-e-repensar-america-latina_anais/ Acesso em 14 de Nov. 2022.

PECEQUILO, Cristina S.; DO CARMO, Corival. (2014) A China, o Sistema Internacional, e o Sul: Ascensão Pacífica?. **BJIR, Revista Marília**, v.3, n.1, p. 31-69. Disponível em <https://doi.org/10.36311/2237-7743.2014.v3n1.p31-69>. Acesso em 19 Set. 2022.

RODRIGUEZ, Maria Helena (2021). **BPC Policy Brief** Vol.10 N.1. Disponível em : <https://bricspolicycenter.org/publicacoes/12752/>. Acesso em 14 nov 2022.

RUDOLF, Moritz. China's 'Silk Road' Initiative Is at Risk of Failure (2015) **The Diplomat**, [S.l.], Disponível em: <https://thediplomat.com/2015/09/chinas-silk-road-initiative-is-at-risk-of-failure/>. Acesso em: 2 Nov. 2022.

SALVAGNI, J.; DA SILVA, M.; VERONESE, M.; AVILA, R.(2022). A ascensão chinesa e a nova rota da seda: mudanças globais, novas hegemonias. **Scielo, Sociedade e Estado**, [S.l.], v. 37, n. 02, p. 673–696, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237020013>. Acesso em: 19 Set. 2022.

SARMENTO, João M. S.; (2018): **China e as cadeias globais de valor**. Rio de Janeiro (2018). Trabalho para conclusão de curso (Bacharelado em Economia) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/4689>

XI Jinping discursa na inauguração do Fórum do Cinturão e Rota. Fórum do Cinturão e Rota para Cooperação Internacional, (2017). **Portuguese People**. Disponível em: <http://portuguese.people.com.cn/n3/2017/0514/c309806-9215235.html>. Acesso em: 2 Nov. 2022.